

**ELEMENTOS ESTRUTURADORES DO ROMANCE ARTURIANO EM
CLIGES OU A QUE FINGIU DE MORTA, DE CHRÉTIEN DE TROYES**Altamir Botoso¹

RESUMO: A lenda do Rei Artur deu origem a um dos grandes gêneros da literatura ocidental, que ficou conhecido como romance de cavalaria ou romance arturiano. Na obra *Romances da Távola Redonda* (1998), do escritor francês Chrétien de Troyes (1130-1191), há quatro narrativas pertencentes ao gênero mencionado e, dentre elas, selecionamos *Cliges ou a que fingiu de morta* para analisar e comentar os aspectos que nos permitem considerá-la como um texto que se filia ao gênero da ficção de cavalaria, tais como a idealização das personagens, os constantes torneios e batalhas, o amor cortês, o final feliz.

Palavras-chave: Chrétien de Troyes; Romance de Cavalaria; Rei Artur.

STRUCTURING ELEMENTS OF THE ARTURIAN NOVEL IN *CLIGES OU A QUE FINGIU DE MORTA*, BY CHRÉTIEN DE TROYES

ABSTRACT: The legend of King Arthur gave birth to one of the great genres of Western literature, which became known as chivalry novel or Arthurian novel. There are four narratives belonging to this genre in *Romances da Távola Redonda* (1998), by the French writer Chrétien de Troyes (1130-1191), and among them we selected *Cliges ou a que fingiu de morta* in order to analyze and comment on the aspects that allow us to consider it as a text that adheres to the genre of chivalry fiction, such as the idealization of characters, constant tournaments and battles, courteous love, the happy ending.

Keywords: Chrétien de Troyes; Chivalry Novel; King Arthur.

A Idade Média é pródiga em lendas que instigam a imaginação de leitores, teóricos e críticos literários, desde seus primórdios até a contemporaneidade. Uma das lendas medievais que se destaca é a do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. O Rei Artur (CUNHA, 2011, p. 1) é uma personagem que teria comandado a defesa contra os invasores saxões que chegaram à Grã-Bretanha no início do século VI. As informações sobre a sua história são folclóricas e nunca se pôde comprovar a sua real existência. De acordo com uma das lendas existentes, ele seria filho de Uther Pendragon, rei da Bretanha, com a duquesa Igrayne da Cornuália que, enganada por uma ilusão provocada pelo mágico Merlin, pensou que Pendragon era seu marido, Gorlois, e acabou engravidando do rei (REI ARTHUR, 2016, p. 2). Ele cresceu e se transformou num habilidoso e corajoso cavaleiro. Após a morte de

¹ Doutor em Letras, área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campo Grande-MS. E-mail: abotoso@uol.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

Gorlois, Merlin contou a Artur quem era seu verdadeiro pai. Arthur consegue, então retirar a lendária espada Excalibur, encrustada em uma pedra, feito que somente o verdadeiro rei da Bretanha conseguiria realizar. A partir de então, Arthur passa a viver uma série de aventuras em companhia de nobres cavaleiros que pertenciam à Távola Redonda.

Esses cavaleiros seriam “como raios de sol que iluminam o mundo e dispersam as trevas, constituindo-se em ideais heroicos que abonam e beneficiam a cavalaria” (MEDEIROS, 2009, p. 64); a tábola (um tipo de mesa) significaria o mundo redondo, a circunstância e os elementos do firmamento. A tábola “convoca ao seu redor a reunião fraternal e mística de uma elite vinda de todos os pontos do universo cristão e pagão” (FOUCHER, 1998, p. 18).

Ao longo dos séculos, muitos escritores romancearam a lenda desse rei, dando origem a um gênero que ficou conhecido como romance de cavalaria. Dessa forma, de personagem lendário, ele converte-se em mito. De acordo com Hilário Franco Júnior (1992, p. 11), o mito é um relato cujos componentes essenciais estão na esfera do sagrado e cujos objetivos são as origens e/ou características de fenômenos naturais e sociais importantes para uma dada sociedade, levada por isso a especular sobre ele. É também uma forma de conhecimento que equaciona as grandes questões espirituais e materiais da sociedade.

A esse respeito, vale destacar que a figura do Rei Artur é um dos mitos mais conhecidos e revisitados na atualidade. Pode-se considerar que tal figura

[...] desdobra-se em dois eixos imagéticos: no eixo horizontal temos a lenda, pois após analisarmos romances que retratam a história de Arthur, os relacionamos com a própria narrativa, em um efeito sincrônico. Já no eixo vertical, apresenta-se o mito, relacionado a uma abordagem antropológica, pertencendo a um efeito diacrônico. (BRITO, 2012, p. 4).

Dessa forma, a figura de Artur é alicerçada a partir de uma tendência mítica, na qual os críticos vincularam-no a sua trajetória, moldando um personagem que poderia ter existido realmente, mas que é fruto de uma imaginação coletiva, “circundado de um universo fantástico e envolvente” (BRITO, 2012, p. 4).

Nos momentos finais do século XII, o escritor francês Chrétien de Troyes escreveu contos sobre as aventuras do Rei Artur, Lancelot, Guinevere, o Santo Graal, Percival, Gawain etc. Apoiando-se nos mitos populares, o referido escritor deu-lhes o seu cunho pessoal e iniciou o gênero do romance arturiano (ou de cavalaria) que se tornou uma importante vertente da literatura medieval (CUNHA, 2011, p. 3).

Portanto, podemos considerar que o Rei Artur é uma lenda que se transformou num mito, o qualse perpetuou ao longo dos séculos por meio de autores como Mark Twain, com seu livro *Um americano na corte do Rei Arthur* (1889); Stephen Lawhead (*O ciclo Pendragon*, 1987-1997); Bernard Cornwell (*As crônicas do senhor da guerra*, 1995-1997); Marion Zimmer Bradley (*As brumas de Avalon*, 1982) e também com a ajuda do cinema, dos quadrinhos etc., que permitiram que cada vez mais ao público ter acesso ao tema e a essa personagem tão fascinante e instigante.

Conforme aponta Jean-Pierre Foucher (1998, p. 18), Chrétien de Troyes, “magnífico operário das letras”, era da região de Champagne, provavelmente nascido por volta de 1135. Escreveu os seguintes textos: *Eric e Enide*, *Cliges ou a que fingiu de morta*; *Lancelot, o cavaleiro da charrete*; *Ivain, o cavaleiro do leão*, os quais compõem o ciclo amoroso, *Perceval*, narrativa que trata de uma aventura mística e *Guillaume d’Angleterre*, inspirado na lenda de Santo Eustáquio.

Cliges ou a que fingiu de morta compõe-se de duas histórias: a primeira traz a narrativa de Alexandre, filho do imperador de Constantinopla, de mesmo nome; e de seu irmão menor, Alis. Alexandre pede ao pai para deixar a Grécia e juntar-se à corte do rei Artur e é atendido. Quando chega à Bretanha, “Alexandre faz tão bela obra e tão bem por seus serviços que o rei o ama vivamente e o estima, como também o amam os barões e a rainha” (TROYES, 1998, p. 82).

O rei Artur decide ir à Bretanha Menor, em companhia de Alexandre e de outros cavaleiros, deixando a Inglaterra sob o comando do conde Angres de Windsor. No navio, viaja Soredamor, aia da rainha Guinevere. Ela e Alexandre acabam se apaixonando. Transcorre o tempo e Artur é informado da traição de Angres que quer se apossar do reino. Antes de partir para a Inglaterra, o rei arma Alexandre cavaleiro. Angres acaba sendo derrotado e Alexandre, por sua valentia durante a luta, ganha uma taça de ouro, o reino de Gales e a mão de Soredamor, que lhe dará um filho, Cliges.

O imperador de Constantinopla morre, sendo sucedido no trono pelo irmão mais novo, Alis, o qual promete não se casar para que Cliges seja seu sucessor. No entanto, ele quebra a promessa e se casa com Fenice, filha do imperador da Alemanha, que havia sido prometida ao duque de Saxe. Cliges e Fenice apaixonam-se. Com a ajuda de Tessala, sua aia, Fenice recebe uma poção, servida ao marido todas as noites, e que lhe dava a ilusão de tê-la em seus braços. Fenice é raptada pelo duque de Saxe e é libertada por Cliges. Novamente, com a ajuda de Tessala, Fenice toma uma poção que a faz parecer estar morta. Todos acreditam que ela morreu, mas ela é desenterrada e reanimada por Tessala e passar a viver no

subterrâneo de uma torre construída por Jean, um hábil arquiteto. Contudo, um intruso descobre a farsa. Fenice e Cliges fogem para a corte de Artur, que reúne um exército e se prepara para atacar o imperador Alis, a fim de depô-lo, por ter descumprido a promessa de não se casar para que Cliges ocupasse o seu lugar no trono. A batalha não ocorre porque Alis morre e Cliges assume a coroa ao lado de Fenice, com quem se casa e são felizes.

Chrétien de Troyes localiza sua história no tempo do rei Artur e isso é mencionado logo no início do relato:

[...] os gregos chegam à corte. [...] E, quando o rei Artur os vê, os jovens agradam-lhe muito. [...]
O rei Artur, nesse tempo, quis ir à Bretanha Menor. Reuniu todos os barões para lhes pedir conselho. [...]
Quando Angres de Windsor tomou posse da terra, o rei Artur, no dia seguinte, pôs-se a caminho mais a rainha e suas damizelas. [...] (TROYES, 1998, p. 80-82).

Vale ressaltar que o rei Artur não é a personagem principal em nenhuma das histórias de Chrétien de Troyes e a menção ao monarca em epígrafe funciona como um recurso semelhante ao “Era uma vez” dos contos de fadas para situar temporalmente o idílio amoroso de suas personagens (MACHADO, 1997, p. 114).

Conforme já assinalamos, o relato de *Cliges* apresenta uma dupla estrutura narrativa, na qual se narram a história de dois casais (MACHADO, 1997, p. 114). Na primeira, o leitor se depara com a narração de eventos relativos ao casal Alexandre e Soredamor, que se casam e tem um filho único, Cliges. Na segunda parte, tomamos contato com as aventuras e desventuras de Cliges e Fenice, a esposa do tio de Cliges, usurpador do trono de Constantinopla.

Os elementos comuns aos livros de cavalaria que se encontram presentes em *Cliges ou a que fingiu de morta* são os seguintes: a idealização das personagens, as infundáveis batalhas e os torneios que ocorrem na corte, o amor cortês, a ocorrência de eventos mágicos, a vitória do bem sobre o mal.

Alexandre, pai de Cliges, é “mui belo, bem talhado”, tinha “o coração sempre pronto para dar e para despender com largueza” (TROYES, 1998, p. 81-82); sua amada, Soredamor, era “graciosa e bela”, “nariz bem feito”, “rosto claro”, do “nascimento do pescoço à entreabertura do colchete, [...] [o] peito descoberto é mais alvo que a neve fresca” (TROYES, 1998, 82, 85-86), enrubesce quando se descobre o seu amor por Alexandre. Como se pode

verificar, tais personagens são idealizadas, só possuem qualidades e sentimentos nobres e o mesmo se aplicará a Cliges/Fenice:

[...] Era tão bela e tão bem talhada que parecia que ao fazê-la Deus se divertira em trabalhar para maravilhar todo o mundo. A donzela chamava-se Fenice; e não sem razão, pois, assim como o pássaro Fênix é de todos o mais belo, e só pode haver uma Fênix por vez, assim Fenice, [...] não tinha parceira em beleza.

[...] o esplendor de sua beleza espalha mais luz do que o fariam quatro rubis. Diante do imperador seu tio, postava-se Cliges desarmado. [...] ambos eram tão belos – [...] que de sua beleza emanava um raio que fazia o palácio resplandecer tanto quanto o sol reluz de manhã, claro e rubro.

[...] Ele [Cliges] estava na flor da idade, pois tinha cerca de quinze anos. Era mais belo e gracioso que Narciso. [...]

[...] Os seus cabelos pareciam ouro fino; o rosto, rosa nova. Tinha nariz bem feito, boca bela, e era de tão grande estatura que Natureza não poderia ter feito melhor, [...]. Nenhuma qualidade lhe faltava. (TROYES, 1998, p. 92-93).

Nota-se que os pares Alexandre/Soredamor e Cliges/Fenice são agraciados com os melhores atributos, tanto no que tange ao aspecto físico (beleza, estatura, cabelos etc.) quanto ao psicológico (são bons, honestos, virtuosos): enfim, simbolizam o que de melhor pode existir num ser humano. Nesse sentido, são heróis incorruptíveis, defensores e propagadores de ideais positivos e cumprem um papel modelar, que deveria ser seguido pelos leitores, pois a literatura medieval nunca deixa de imprimir um certo didatismo moralizante em suas histórias.

Outro fator que sem dúvida filia a história de Cliges e Fenice ao ciclo arturiano são as batalhas:

Eles se entreatam com o ferro das lanças. Atiram-se uns sobre os outros, ferozes como leões sobre a presa, que devoram tudo o que agarram. Na verdade, dos dois lados, há grande mortandade nesse primeiro encontro.

Alexandre e os companheiros combatem com a mais alta valentia. [...] Para precipitar a debandada dos inimigos, Alexandre emprega um ardil de guerra. [...] conseguiu fazer prisioneiro Angres, [...] (TROYES, 1998, p. 91, grifos do autor).

No fragmento transcrito, ocorre a luta do rei Artur e seus cavaleiros pela retomada do trono inglês, que havia sido usurpado pelo conde Angres. A referida luta termina com a vitória de Artur e a prisão e deposição do regente traidor. Em várias passagens da narrativa, Cliges também demonstra a sua bravura e a sua habilidade como cavaleiro do rei Artur:

Cliges chega a Obseneford (Oxford). O rei Artur, que tem reunida ali sua corte, ordenou um magnífico torneio. [...] Nenhum cavaleiro ousa adiantar-se para justar com ele. Finalmente, Sagremor-o-Frenético se decide.

[...]

Os dois cavaleiros deixam correr os cavalos, impacientes e ardentes pela justa. Cliges bate tão bem seu adversário que lhe prega o escudo no braço e o braço no corpo. Sagremor tomba estendido e se afiança prisioneiro. Prontamente recomeça a refrega. Os cavaleiros entreatam-se tanto quanto podem.

Cliges se lança na confusão e diante dele não encontra cavaleiro que não prenda ou abata. Dos dois lados o prêmio arrebatado. Quando ele justa, cessa o torneio! Mesmo seus prisioneiros já adquirem grande renome apenas porque ousaram justar com ele. O jovem cavaleiro arrebatou o prêmio e a glória de todo o torneio (TROYES, 1998, p. 103, grifos do autor).

Nas atitudes de Alexandre/Cliges reafirmam-se os ideais da cavalaria e o seu heroísmo, já que ambos são invencíveis e se portam de modo exemplar durante as batalhas e torneios.

Nos romances de cavalaria, é frequente a existência da magia ou de elementos mágicos que auxiliam os protagonistas, como é o caso das poções que possibilitam a Fenice ludibriar o marido (que ela não ama e é essa a justificativa para a sua ação), que ao bebê-la, dorme e acredita que a possuiu e também lhe permite fingir de morta:

[...] todos acreditarão sem sombra de dúvida que sua alma deixou o corpo, depois que Tessala lhe der uma beberagem que a fará fria, descolorida, pálida e rígida, sem voz e sem alento. Entretanto estará viva e em boa saúde, não sentirá bem nem mal. Nada de ruim lhe acontecerá por passar um dia e uma noite inteira no túmulo e no ataúde (TROYES, 1998, p. 110).

É importante ressaltar que o expediente da poção que permite a uma personagem fingir-se de morta ressurgirá em *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, quando Julieta também bebe um líquido com o propósito idêntico ao de Fenice, ou seja, fingir-se de morta, embora as duas histórias acabem de modo bastante distinto, pois em Shakespeare, o par romântico morre tragicamente, enquanto em *Cliges*, acontece um *happy end*.

A expressão “amor cortês” ou “amor cortesão” designa uma relação entre um homem e uma mulher e, nos textos de Chrétien de Troyes, pode ser considerada como as etapas crescentes em relação à devoção de um cavaleiro por sua dama, chegando a transformá-la numa espécie de culto (MEDEIROS, 2014, p. 155-156), conforme se pode observar no relacionamento que se estabelece entre os pares de enamorados que protagonizam a narrativa que é objeto de análise deste trabalho: Alexandre/Soredamor e Cliges/Fenice.

O amor cortês e o final feliz são semelhantes nas duas histórias que são apresentadas em *Cliges ou a que fingiu de morta*:

[...] Na alegria da vitória, as núpcias de Alexandre e Soredamor são celebradas em Windsor. E, cúmulo da honra, o próprio rei Artur coroa o jovem esposo soberano do País de Gales. (TROYES, 1998, p. 91, grifos do autor).

Da amiga Cliges fez esposa, mas a chama senhora e dama, pois com isso ela nada perde. Ama-a como amiga. Ela por seu lado o ama como se deve amar o amante, e cada dia aumenta o amor de ambos. [...] (TROYES, 1998, p. 118).

Comprova-se a felicidade dos casais em ambas as histórias, confirmando um clichê que se constitui no fecho das histórias narradas nos romances de cavalaria, as quais foram retomadas, parodiadas e recriadas em séculos posteriores.

Cumprir destacar ainda o papel de submissão da mulher, que é objeto de desejo e conquista, mas que não tem direito a expressar suas opiniões e sentimentos publicamente. Nos dois trechos transcritos acima, a união dos pares ocorre pela interferência do rei Artur e da rainha Guinevere. Nota-se que a voz e o comando é masculino e a mulher deve obedecer ao seu marido incondicionalmente, conforme a sociedade do período cujas bases patriarcais são evidentes e na qual o homem sai para lutar e combater e a mulher deve permanecer em casa, cuidando dos filhos e das tarefas próprias do lar, circunscrita a um espaço fechado, enquanto aquele tem toda a liberdade de se locomover e ir aonde quiser e desejar.

Em síntese, buscamos apontar e discutir aqui alguns dos elementos que nos permitem considerar que *Cliges ou a que fingiu de morta* é um texto que se filia ao ciclo do romance arturiano pelo fato de os eventos narrados transcorrerem na corte do rei Artur, apresentar personagens idealizadas, com foco na temática do amor cortês, além da interferência de recursos oriundos da magia para a resolução de conflitos e a presença do ideal da nobreza cavaleiresca, que se pauta pela beleza, pela coragem e honra, fatores que perenemente indiciam e caracterizam os heróis como representantes do bem e emblema da vitória e do equilíbrio que todos buscam e que se concretiza no universo da ficção.

REFERÊNCIAS

BRITO, Edileide. O desvelamento do mito arturiano. *Medievalista*, n. 12, jul.-dez. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/medievalista/648>. Acesso em 12 jan. 2019.

CUNHA, Rui. O Rei Arthur: mito ou realidade? 26 mar. 2011, p. 1-4. Disponível em: <http://amemoriadotempo.blogspot.com/2011/03/o-rei-artur-mito-ou-lenda.html>. Acesso em: 12 jan. 2019.

FOUCHER, Jean-Pierre. Prefácio. In: TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 7-26 (Coleção Gandhãra).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MACHADO, Ida Lúcia. Jeux et enjeux d'écriture chez Chrétien de Troyes: l'exemple de *Cligès*. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 2, p. 113-122, nov. 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/313>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MEDEIROS, Márcia Maria de. *A construção da figura religiosa no romance de cavalaria*. Dourados, MS: UFGD; UEMS, 2009.

_____. Considerações sobre o amor cortês em Geoffrey Chaucer: uma análise do “Conto do Cavaleiro”. *Revista Trama*, v. 10, n. 19, 2014, p. 155-172.

REI ARTHUR: lenda ou realidade? 10 ago. 2016. Disponível em: <https://historiazine.com/rei-arthur-lenda-ou-realidade-80cff9a31db3>. Acesso em: 12 jan. 2019.

TROYES, Chrétien de. Cliges ou a que fingiu de morta. In: _____. *Romances da Távola Redonda*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 73-118 (Coleção Gandhãra).

Enviado em: 30 de janeiro de 2020.

Aceito em: 06 de maio de 2020.